

The book cover features a collage of faces of dictators, including Hitler, Stalin, and Mao, rendered in various colors (green, yellow, purple, red) and textures. The faces are partially obscured by torn paper effects. A red dot is located above the publisher's name.

intrínseca

FRANK DIKÖTTER

COMO SER UM
DITADOR

*O culto à personalidade
no século XX*

COMO SER UM DITADOR

O culto à personalidade
no século XX

FRANK DIKÖTTER

Tradução de Paula Diniz



Copyright © Frank Dikötter, 2018
Todos os direitos reservados.

TÍTULO ORIGINAL

How To Be a Dictator: The Cult of Personality in the Twentieth Century

PREPARAÇÃO

Mariana Moura

REVISÃO

Eduardo Carneiro
Laiane Flores

REVISÃO TÉCNICA

Lenilton Araújo

INDEXAÇÃO

Treze Cultural

ADAPTAÇÃO DE PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Ligia Barreto | Ilustrarte Design

DESIGN DE CAPA

Anderson Junqueira

IMAGENS DE CAPA

Adolf Hitler, Benito Mussolini, Josef Stalin e Mao Tsé-tung: Wikimedia Commons
Mengistu Haile Mariam: Keystone Press / Alamy Stock Photo

IMAGEM DA P. 8

W.M. Thackeray illustration © History and Art Collection, Alamy Stock Photo

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

D57c

Dikötter, Frank, 1961-

Como ser um ditador : o culto à personalidade no século XX / Frank
Dikötter ; tradução Paula Diniz. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2022.
368 p. ; 21 cm.

Tradução de: How to be a dictator : the cult of personality in the twentieth-
-century

ISBN 978-65-5560-421-4

1. Ditadores - História - Séc. XX. I. Diniz, Paula. II. Título.

22-78390

CDD: 321.9

CDU: 321.64(09)*19”

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

[2022]

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 6ª andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

“Assinalo assim, em primeiro lugar, como tendência geral de toda a humanidade, um perpétuo e irrequieto desejo de poder e mais poder que apenas a morte cessa. E a causa disso nem sempre é que se espere um prazer mais intenso do que aquele já alcançado, ou que cada um não possa se contentar com um poder moderado; é o fato de que não se pode garantir o poder e os meios para viver bem que atualmente se possui sem aquisição de mais ainda.”

THOMAS HOBBES

*Leviatã ou matéria, forma e poder de um Estado
eclesiástico e civil*

“Nasce daí uma questão: se é melhor ser amado que temido ou o contrário. A resposta é de que seria necessário ser uma coisa e outra; mas, como é difícil reuni-las, em tendo que faltar uma das duas é muito mais seguro ser temido do que amado (...). E os homens têm menos escrúpulo em ofender a alguém que se faça amar do que a quem se faça temer, posto que a amizade é mantida por um vínculo de obrigação que, por serem os homens maus, é quebrado em cada oportunidade que a eles convenha; mas o temor é mantido pelo receio de castigo que jamais se abandona.”

NICOLAU MAQUIAVEL

O príncipe



W. M. Thackeray, *The Paris Sketch Book*, Londres: Collin's Clear-Type Press, 1840.

Prefácio

Em 1840, o romancista satírico William Makepeace Thackeray, famoso por parodiar a elite, publicou uma caricatura de Luís XIV. À esquerda, há um manequim com a espada do rei, seu manto de pele de arminho estampado de *fleur-de-lis*, a peruca com cachos soltos e os sapatos com saltos aristocráticos. No centro, o rei, um pobre Ludovicus em roupas íntimas, pernas compridas e finas, barriga protuberante, careca, simples e desdentado. Mas, à direita, ele surge plenamente vestido, um Ludovicus Rex orgulhoso com o traje real completo. Thackeray despiu o Rei dos Reis para mostrar o homem frágil e deplorável sem os adornos do poder: “Assim os barbeiros e os sapateiros produzem os deuses que cultuamos.”¹

“*L'État, c'est moi*”, o rei setecentista supostamente pronunciou: “Eu sou o Estado.” Em sua própria visão, Luís era o representante de Deus na terra. Foi um monarca absoluto, que usou seu poder autocrático por mais de setenta anos para enfraquecer a nobreza, centralizar o Estado e expandir o território de seu país usando a força das armas. Ele também se projetava como um infalível Rei Sol, em torno do qual tudo girava. Fazia questão de ser glorificado por todos, em medalhas, quadros, bustos, estátuas, obeliscos e arcos do triunfo que

fez proliferar durante todo o seu reinado. Poetas, filósofos e historiadores oficiais celebravam suas conquistas, aclamando-o como onisciente e onipotente. Luís XIV transformou o pavilhão de caça real a sudoeste de Paris no Palácio de Versalhes, um castelo monumental de setecentos quartos localizado em uma extensa propriedade, onde ele mantinha a corte, obrigando os nobres cortesãos a competir em troca de favores.²

Luís XIV foi um mestre do teatro político, mas todos os políticos, de alguma forma, valem-se da imagem. Luís XVI, descendente do Rei Sol, foi para a guilhotina como consequência da revolução iniciada em 1789, e a noção do divino foi enterrada com ele. Os revolucionários defendiam que os direitos soberanos fossem conferidos ao povo e não a Deus. Nas democracias que surgiram gradualmente ao longo dos dois séculos seguintes, os líderes compreenderam que tinham que atrair eleitores, que, por sua vez, poderiam retirá-los nas urnas.

É claro que havia outras formas de alcançar o poder além das eleições. Seria possível orquestrar um golpe ou burlar um sistema. Em 1917, Lenin e os bolcheviques invadiram o Palácio de Inverno, proclamando um novo governo. Mais tarde, referiram-se ao golpe como uma “revolução” inspirada pela Revolução Francesa. Alguns anos depois, em 1922, Mussolini marchou sobre Roma, forçando o Parlamento a entregar o poder. No entanto, como eles e outros ditadores descobriram, o poder nu e cru tem data de validade. O poder conquistado por meio de violência deve ser mantido com violência, embora sua lâmina possa ser cega. Um ditador deve recorrer a forças militares, polícia secreta, guarda pretoriana, espíões, informantes, interrogadores, torturadores. Mas a melhor abordagem é fingir que a coerção é, na verdade, um consentimento. Um ditador deve inculcar medo nas pessoas, mas, se conseguir obrigá-las a aclamá-lo, é provável que sobreviva por mais tempo. O para-

doxo do ditador moderno, em resumo, é que ele deve criar a ilusão do apoio popular.

Ao longo do século XX, centenas de milhões de pessoas aclamaram seus ditadores, mesmo quando eram arrebanhadas rumo à escravidão. Em grandes regiões do planeta, o rosto de um ditador aparecia em outdoors e prédios e seu retrato estava presente em todas as escolas, nos escritórios e nas fábricas. As pessoas comuns tinham que fazer reverência a sua imagem, passar por sua estátua, recitar sua obra, louvar seu nome e enaltecer sua genialidade. As tecnologias modernas, do rádio e da televisão à produção industrial de pôsteres, emblemas e bustos, tornaram os ditadores tão onipresentes que isso seria inimaginável na época de Luís XIV. Até mesmo em países relativamente pequenos como o Haiti, milhares de cidadãos eram regularmente obrigados a saudar o líder, marchando na frente do palácio presidencial, ofuscando as festividades organizadas em Versalhes.

Em 1956, Nikita Krushev denunciou Josef Stalin, detalhando o reinado de medo e terror. Ele classificou o que viu como “adulação abominável” e “mania de grandeza”, chamando isso de “culto ao indivíduo”. Para o português, tal noção foi traduzida como “culto à personalidade”. Pode não ser um conceito rigorosamente desenvolvido e proposto por um grande cientista social, mas a maioria dos historiadores o considera bastante adequado.³

Quando Luís XIV ainda era menor de idade, a França era assolada por uma série de rebeliões, pois os aristocratas tentavam limitar o poder da Coroa. Elas fracassaram, mas impressionaram profundamente o jovem rei, que cultivou um medo de rebelião a vida toda. Ele transferiu o centro do poder de Paris para Versalhes e obrigou os nobres a frequentar a corte, onde podia observá-los enquanto obtinham favores da realeza.

De forma semelhante, os ditadores tinham medo do próprio povo, mas temiam ainda mais o próprio séquito na corte. Eles eram fracos. Se fossem fortes, teriam sido eleitos pela maioria. Em lugar disso, decidiram pegar um atalho, muitas vezes passando por cima do cadáver dos oponentes. No entanto, se eles podiam tomar o poder, outros também seriam capazes, o que acentuava a perspectiva de serem apunhalados pelas costas. Havia rivais, que muitas vezes eram igualmente cruéis. Mussolini foi apenas um dos diversos líderes fascistas e enfrentou uma rebelião no próprio partido antes de marchar sobre Roma em 1922. Stalin era fraco em comparação a Trotski. Mao foi repetidamente destituído de suas posições por rivais mais poderosos na década de 1930. Kim Il-sung, imposto contra a vontade do povo pela União Soviética em 1945, foi rodeado de líderes comunistas com um serviço secreto de calibre muito mais distinto.

Foram muitas as estratégias para um ditador se agarrar ao caminho até o poder e se livrar dos rivais. Houve expurgos sangrentos, manipulação, segregação e domínio, só para mencionar algumas delas. Mas, no longo prazo, o culto à personalidade foi mais eficiente. O culto humilhava aliados e rivais da mesma forma, forçando-os a colaborar por meio da subordinação comum. Acima de tudo, ao obrigá-los a aclamar o ditador diante dos outros, transformava todos em mentirosos. Quando todos mentiam, ninguém sabia quem estava mentindo, o que dificultava achar cúmplices e organizar um golpe.

Quem planejava o golpe? Havia hagiógrafos, fotógrafos, dramaturgos, compositores, poetas, editores e coreógrafos. Havia poderosos ministros da Propaganda e, às vezes, até ramos inteiros da indústria. Mas a responsabilidade final ficava nas mãos dos ditadores. “Em uma ditadura, a política começa na personalidade do ditador”, escreveu o médico de Mao Tsé-tung em uma biografia clássica.⁴ Os oito ditadores deste livro

tinham personalidades muito diferentes, mas todos tomaram decisões-chave que os levaram à glorificação. Alguns entrevistaram mais do que outros. Mussolini, segundo dizem, passou metade do tempo se projetando como um governante onisciente, onipresente e indispensável para a Itália, além de controlar meia dúzia de ministérios. Stalin constantemente podava o culto a si, cortando o que achava ser louvor excessivo, apenas para permitir que isso ressurgisse alguns anos depois, quando julgava ser o momento propício. Ceaușescu se promovia compulsivamente. Hitler também cuidava de cada detalhe da própria imagem no início, embora mais tarde tenha delegado mais do que outros ditadores. Sem exceção, usaram todos os recursos do Estado para se promover. Eles eram o Estado.

Nem todos os historiadores dariam o palco principal a um ditador. Ian Kershaw descreveu Hitler de forma memorável como uma “não pessoa”, um homem medíocre cujas características pessoais não eram capazes de explicar seu apelo popular. O foco, acreditava o historiador, deveria ser voltado para o “povo alemão” e sua percepção acerca de Hitler.⁵ Mas como saber o que o povo achava do líder, uma vez que a liberdade de expressão é sempre a primeira baixa em uma ditadura? Hitler não foi eleito pela maioria, e, um ano após assumir o poder, os nazistas jogaram cerca de 100 mil pessoas comuns em campos de concentração. A Gestapo, os camisas-pardas e seus séquitos não hesitavam em prender aqueles que não clamassem o líder de maneira apropriada.

Às vezes, as expressões de devoção a um ditador pareciam tão espontâneas que os observadores externos — assim como os historiadores posteriores — as assumiam como genuínas. O culto a Stalin, segundo um historiador da União Soviética, “era amplamente aceito por milhões de soviéticos e tinha a crença profunda de pessoas de todas as classes, idades e ocupações, em

especial nas cidades”.⁶ Trata-se de uma declaração vaga e sem fundamento, não mais verdadeira ou falsa do que a afirmação oposta, ou seja, a de que milhões de soviéticos de todos os perfis diferentes não acreditavam no culto a Stalin, em especial na zona rural. Se até mesmo os apoiadores ferrenhos achavam impossível decifrar a mente do líder, que dirá saber o pensamento de milhões de pessoas dominadas pelo regime.

Os ditadores longevos tinham muitas habilidades. Muitos eram excelentes em esconder as emoções. Mussolini se via como o ator mais refinado da Itália. Em um momento de descuido, Hitler também se considerou o melhor intérprete da Europa. Entretanto, em uma ditadura, muitas pessoas comuns também aprendiam a atuar. Elas tinham que sorrir sob comando, repetir sem parar as palavras do partido, gritar os slogans e saudar o líder. Em resumo, exigia-se que elas criassem a ilusão do consentimento. Quem não entrasse no jogo era multado, preso e, às vezes, baleado.

A questão não era tanto o fato de poucos adorarem seus ditadores, mas, sim, de que ninguém sabia quem acreditava em quê. O objetivo do culto não era convencer ou persuadir, mas disseminar a confusão, destruir o senso comum, forçar a obediência, isolar os indivíduos e privá-los de dignidade. As pessoas tinham que se autocensurar e também monitoravam aos demais, denunciando aquelas que não pareciam suficientemente sinceras no ofício de devoção ao líder. Por trás da aparência de uniformidade disseminada, havia um amplo espectro, que variava desde quem genuinamente idealizava o líder — verdadeiros fiéis, oportunistas, criminosos — até aqueles que eram indiferentes, apáticos ou mesmo hostis.

Os ditadores eram populares no próprio país e também admirados por estrangeiros, incluídos intelectuais ilustres e políticos eminentes. Algumas das melhores mentes do século XX se

dispuseram a ignorar — ou até justificar — a tirania em nome do bem maior e ajudaram a melhorar as credenciais de seus ditadores favoritos. Elas aparecem apenas rapidamente nestas páginas, uma vez que alguns trabalhos excelentes tratam desse assunto, em especial a obra de Paul Hollander.⁷

Como o culto deveria parecer genuinamente popular, brotando do coração do povo, era invariável que recebesse tons de superstição e magia. Em alguns países, a conotação religiosa era tão marcante que alguém poderia ficar tentado a percebê-la como uma forma peculiar de adoração secular. No entanto, em todos os casos, essa impressão era deliberadamente cultivada de cima para baixo. Hitler se apresentava como um messias unido às massas de maneira quase religiosa, mística. François Duvalier se empenhou bastante para assumir o ar de um sacerdote do vodu, incentivando boatos sobre seus poderes sobrenaturais.

Em regimes comunistas, em especial, havia uma necessidade extra de algum tipo de ressonância tradicional. A razão para isso era simples: poucas pessoas em países predominantemente rurais como a Rússia, a Coreia ou a Etiópia compreendiam o marxismo-leninismo. Os apelos ao líder como uma figura sagrada eram mais bem-sucedidos do que a filosofia abstrata do materialismo dialético — que uma população rural, em sua maioria analfabeta, tinha dificuldade de entender.

A lealdade a uma única pessoa era o que mais importava na ditadura, mais ainda do que a lealdade a uma crença. Afinal, a ideologia pode dividir. Uma força de trabalho pode ser interpretada de diferentes maneiras, o que potencialmente dá origem a facções distintas. Os maiores inimigos dos bolcheviques eram os mencheviques, e ambos confiavam em Marx. Mussolini rejeitou a ideologia e manteve o fascismo propositadamente vago. Ele não era o tipo que ficava preso a um conjunto rígido de ideias; orgulhava-se de ser intuitivo, de seguir seu instinto, em vez de

defender uma visão de mundo consistente. Hitler, assim como Mussolini, tinha pouco a oferecer a não ser si próprio, além de um apelo ao nacionalismo e ao antissemitismo.

A questão é mais complicada no caso dos regimes comunistas, uma vez que supostamente seriam marxistas. No entanto, nessa situação, também não teria sido prudente as pessoas comuns e os membros de partidos afins passarem muito tempo debruçados sobre as obras de Karl Marx. As pessoas eram stalinistas sob o comando de Stalin, maoistas sob o comando de Mao e kimistas sob o comando de Kim.

No caso de Mengistu, o comprometimento com os princípios do socialismo, além das estrelas e bandeiras vermelhas, era raso. Na Etiópia, havia pôsteres da trindade sagrada: Marx, Engels e Lenin. Mas era Lenin, e não Marx, que agradava Mengistu. Marx ofereceu uma visão de igualdade, mas Lenin surgiu com uma ferramenta para tomar o poder: a vanguarda revolucionária. Em vez de esperar que os trabalhadores adquirissem consciência de classe e derrubassem o capitalismo, como Marx havia sugerido, um grupo de revolucionários profissionais, organizado de acordo com rígidas diretrizes militares, levaria à revolução e estabeleceria uma ditadura do proletariado para planejar de cima a transição do capitalismo ao comunismo, eliminando brutalmente todos os inimigos do progresso. Para Mengistu, a coletivização da zona rural pode ter sido marxista, mas, acima de tudo, foi uma forma de extrair mais grãos do campo, o que permitia a ele aumentar a tropa.

Os ditadores comunistas levaram o marxismo para além do reconhecimento. Marx havia proposto que os trabalhadores do mundo se unissem em uma revolução do proletariado, mas Stalin, por sua vez, promoveu a noção de “socialismo em um país”, sustentando que a União Soviética deveria se fortalecer antes de exportar a revolução para outros países. Mao leu Marx,

mas o virou de cabeça para baixo ao fazer dos camponeses os pontos de lança da revolução, e não os trabalhadores. Em vez de defender que as condições materiais eram a força primária da mudança histórica, Kim Il-sung propôs exatamente o oposto, alegando que as pessoas poderiam alcançar o verdadeiro socialismo ao recorrer ao espírito da autoconfiança. Em 1972, o pensamento do Grande Líder foi preservado na Constituição, à medida que o marxismo era varrido da Coreia do Norte. No entanto, em todos esses casos, o conceito leninista de vanguarda revolucionária permaneceu teoricamente inalterado.

Na maioria das vezes, a ideologia era um ato de fé, um teste de lealdade. Isso não significa que os ditadores não tinham uma visão de mundo ou um conjunto de crenças. Mussolini acreditava na autossuficiência econômica e a invocava como um sortilégio. Mengistu era obcecado pela província rebelde da Eritreia e tinha certeza de que uma guerra implacável seria a única solução. Mas, no fim das contas, a ideologia era o que o ditador dizia, e o que ele decretava poderia mudar ao longo do tempo. Ele personificava o poder, fazendo de sua palavra a lei.

Os ditadores mentiam não só para as pessoas, mas também para si mesmos. Alguns se isolaram no próprio mundo particular, convencidos de sua genialidade. Outros desenvolveram uma desconfiança patológica do próprio séquito. Todos eram rodeados por bajuladores. Oscilavam entre a insolência e a paranoia e, como resultado, tomavam as principais decisões sozinhos, com consequências devastadoras que custavam a vida de milhões de pessoas. Alguns ficaram mais distantes da realidade, como Hitler no fim da vida, sem mencionar Ceaușescu, mas muitos prevaleceram. Stalin e Mao morreram de causas naturais e acabaram virando objeto de adoração por muitas décadas. Duvalier passou o poder para o filho, prolongando por doze anos o culto à sua imagem. E, no caso do culto mais

extravagante já visto, o clã de Kim na Coreia do Norte se mantém no poder há três gerações.

Se uma ditadura é definida, de forma inexata, como um regime que visa a manter o monopólio do poder, em contraste com a noção de separação de poderes — em que o governo tem diferentes ramos com poderes separados e independentes, restrições e contrapesos, partidos de oposição, uma imprensa livre e um Judiciário independente —, a lista de líderes que podem ser considerados ditadores ultrapassa bastante uma centena. Alguns ficaram no poder por poucos meses; outros, por décadas. Entre aqueles que poderiam com facilidade ter sido incluídos neste livro estão, em ordem aleatória: Franco, Tito, Hoxha, Suharto, Castro, Mobutu, Bokassa, Kadafi, Saddam, Assad (pai e filho), Khomeini e Mugabe.

De uma forma ou de outra, a maioria mantinha-se com um culto à personalidade, criando variações do mesmo tema. Poucos fugiam à regra, como Pol Pot. Dois anos após tomar o poder, até mesmo sua identidade exata estava em disputa. No Camboja, as pessoas se submetiam à Angkar, ou “à Organização”, não ao seu líder. Entretanto, como observa o historiador Henri Locard, a decisão de não planejar um culto à personalidade teve consequências desastrosas para o Khmer Vermelho. O segredo por trás de uma organização anônima que cortou pela raiz qualquer oposição não se sustentou. “Ao falhar em induzir a adulação e a submissão, Angkar só poderia gerar ódio.”⁸ Até o Grande Irmão, em *1984*, de George Orwell, tinha um rosto que vigiava o povo em cada esquina.

Os ditadores que sobreviveram recorriam, em geral, a dois instrumentos de poder: o culto e o terror. Entretanto, com muita frequência, o culto é tratado como mera aberração, um fenômeno repugnante mas marginal. Este livro põe o culto à personalidade em seu devido lugar: bem no âmago da tirania.

Nenhum ditador consegue governar valendo-se apenas de medo e violência. O poder nu e cru pode ser conquistado e mantido por um tempo, mas nunca é o suficiente a longo prazo. É preciso que o povo aclame a figura do tirano para que ele consiga se perpetuar no comando. No século XX, à medida que novas tecnologias permitiam que os líderes levassem a própria imagem e voz para dentro dos lares, observamos o nascimento de um fenômeno sociopolítico: o culto à personalidade, muito explorado por alguns ditadores para alcançar a ilusão de aprovação popular e com isso prescindir de um processo eleitoral legítimo. Dessa forma, centenas de milhões de pessoas foram condenadas a um entusiasmo compulsório, obrigadas a reverenciar os respectivos líderes mesmo enquanto eram conduzidas à servidão.

Em seu estudo, Frank Dikötter revisita a trajetória de oito ditadores do século passado e a máquina de propaganda que fomentou o culto em torno de suas figuras — de Hitler e Stalin a Mao Tsé-tung e Kim Il-sung. Com desfiles cuidadosamente coreografados e uso deliberado de censura para manter a mortalha de mistério ao seu redor, esses homens trabalharam incansavelmente a própria imagem e encorajaram a população a glorificá-la, perpetuando uma forma de controle que, de certo modo, foram aprendendo uns com os outros e com a história. Em um momento de retrocessos tão flagrantes da democracia em todo o mundo, estaríamos presenciando o renascimento dessas mesmas técnicas entre alguns dos líderes mundiais de hoje? Vladimir Putin, Viktor Orbán e Xi Jinping estariam bebendo da mesma fonte?

Oportuno, com uma linguagem acessível e baseado em ampla pesquisa histórica, *Como ser um ditador* examina como um governo totalitarista se consolida, cresce e se sustenta. E, sobretudo, coloca o culto à personalidade no lugar a que sempre pertencerá: no próprio âmago da tirania.

SAIBA MAIS:

www.intrinseca.com.br/livro/1190/